



Escola Bíblica Dominical

LIÇÃO 15

O ministério galileu¹

Texto-base: Mt 14.12-25

Assim como Marcos e Lucas, Mateus não fez nenhuma menção de que o ministério de Jesus na Judéia se sobrepôs ao do Batista (veja também João 2:13-3:21). Mas a não ser que suponhamos que João Batista foi detido e aprisionado imediatamente após batizar Jesus, Mateus 4:2 insinua algum tipo de demora; pois lá nos é dito que Jesus retirou-se para a Galileia somente após a detenção daquele que o havia batizado.

Os sinóticos não fazem menção ao ministério inicial de Jesus na Judeia, mas parecem dar a entender que o seu ministério começou na Galileia. Por contraste, o quarto evangelho parece pressupor, como vimos estudando, um ministério galileu anterior (Jo 1.19-2.12), um ministério na Judeia sobreposto ao de João Batista (Jo 2.13-3.21) e, depois, um retorno ao norte (região da Galileia) via Samaria (Jo 3.22-4.42). Embora alguns estudiosos descartem a cronologia joanina como pouco confiável do ponto de vista histórico, há indícios nos próprios sinóticos que pressupõem um ministério inicial na Judeia (por exemplo, Lc 10.38), sendo esse indício a demora implícita em Mt 4.12.

É lá na Galileia, portanto, que Mateus retoma a história, depois de ter relatado o batismo e a tentação de Jesus no deserto. Uma das razões do silêncio de Mateus sobre o período inicial é que ele queria avançar imediatamente para outra profecia (lembramos que Mateus vem pontuando todo seu relato, desde o primeiro capítulo, com demonstrações de cumprimento de profecias a respeito de Jesus) sobre o ministério do Messias, uma profecia referente aos gentios. Citada em Isaías 9:1-2, a profecia em Mateus 4.15,16 focaliza a Galileia, uma região conhecida por sua concentração relativamente alta de gentios. Mesmo lá, o profeta nos diz, a luz havia raído. Foi lá, nos antigos territórios tribais de Zebulom e Naftali, que Jesus pregou, estabelecendo-se na cidade de Cafarnaum da Galiléia, dando cumprimento ao texto antigo, o qual pressagiava a comissão para “todas as nações”. Além disso, se a luz messiânica raia nos lugares com mais trevas, então a salvação do Messias só pode ser

uma concessão da graça – a saber, que Jesus veio chamar não os justos, mas os pecadores (9.13).

Formalmente, a mensagem que Jesus pregava – resumida numa frase, “Arrependei-vos, porque é chegado o reino dos céus” (Mateus 4:17) - é idêntica ao resumo da pregação de João Batista (3:2). Contudo, existe uma diferença sutil entre os dois resumos, imposta sobre eles por seus respectivos contextos.

Essa diferença se torna possível pela ambiguidade do verbo usado na frase “porque é chegado o reino dos céus”. Ele poderia ter dois significados: ou que o reino estava iminente e logo estaria lá, mesmo que ele ainda não tivesse chegado; ou que o reino já estava perto, mais perto do que qualquer um havia pensado. Quando João Batista pregou essa mensagem, ele o fez como o precursor que estava preparando o caminho para um outro. Portanto “é chegado” naquele contexto adquiriu a essência do primeiro significado. Mas quando Jesus pregou a mesma mensagem, ele estava posicionado na função não de um precursor, mas daquele cujo ministério já havia derramado luz sobre os gentios. Assim, em referência a Jesus, “é chegado” adquire a essência do segundo significado.

Isso está inteiramente de acordo com um dos principais temas em Mateus. Embora a maioria das passagens em Mateus que fala algo sobre o Reino esteja se referindo ao Reino conclusivo no final dos tempos, um número significativo delas insiste que o Reino chegou no período do ministério de Jesus. Por exemplo, em Mateus 12:28 Jesus insiste que se ele conseguia expulsar demônios pelo Espírito de Deus, então o reino de Deus havia chegado para o povo. Esta cuidadosa tensão entre um reino que ainda não está aqui e um reino que já está aqui - mesmo que seja o mesmo reino que está sendo discutido - é o que faz com que muitos crentes falem de um *reino inaugurado* e de um *reino futuro*, ou seja, daquilo que passou a ser conhecido como o *já* e o *ainda não* do Reino de Deus.

Esse tema tem muitos paralelos. Por exemplo, o Novo Testamento nos diz que os crentes verdadeiros já têm a vida eterna (como em João 5:24), mas também nos diz que nós iremos herdar a vida eterna no final dos tempos (como em Mateus 25:46); já fomos justificados pela graça de Deus, porém nossa transformação final para nos tornarmos um povo justo ainda não ocorreu; num certo sentido já passamos da morte para a vida, todavia esperamos pelo retorno de Jesus antes de recebermos nossos corpos ressurretos e o livramento perfeito de cada traço da morte. Exatamente da mesma maneira, a pregação de Jesus exigindo arrependimento com base no fato que o Reino estava próximo anunciou algo presente sobre o Reino, precisamente porque sua pregação estava enquadrada no contexto do cumprimento messiânico.

Nossos últimos vislumbres de Jesus nessa passagem que estudamos estudando são dois. Primeiro, nós o encontramos ajuntando um grupo íntimo de

discípulos (4:18-21) a quem ele prometeu treinar como evangelistas (pescadores de homens). Este passo pode ter sido facilitado por contatos anteriores com esses homens (compare com João 1:35-42), mas de qualquer modo isso prova que Jesus previu um longo caminho que iria requerer trabalhadores, não um fim imediato e cataclísmico.

A escolha de pescadores para estarem entre os seguidores é significativa. Jesus estava escolhendo pessoas de profissões comuns. Naquela época, a pesca era uma indústria importante na Galileia. Esses homens até tinham trabalhadores contratados (Mc 1.20), o que mostra que eles pertenciam ao que mais se assemelhava a uma classe média daquele tempo. Jesus desafia os pescadores com um chamado para segui-lo e serem pescadores de pessoas. A observação é típica do estilo de ensino de Jesus: ele pega um elemento da vida diária e o transforma em uma imagem metafórica que descreve um chamado ou realidade teológicas mais profundas. A metáfora no caso também pode lembrar Jeremias 16.16: lá lavé envia ‘pescadores’ a fim de reunir seu povo para o exílio, enquanto que aqui no evangelho Jesus envia ‘pescadores’ para anunciar o fim do exílio e o início do reinado messiânico.

Em contraste com aqueles que seguiam os rabinos e continuavam na profissão, os discípulos especialmente escolhidos por Jesus deixaram tudo para se dedicar plenamente a seguir o chamado (Lc 9.61). Também em contraste com o modelo rabínico, quem está sendo seguido é quem escolhe, ao passo que os alunos dos rabinos escolhiam a quem queriam seguir. Jesus, na advertência sobre segui-lo, personifica o modelo do discipulado: eles não vão atrás de lei nem de ensino abstrato, mas, antes, aprendem a se modelar de acordo com uma pessoa.

Segundo, na última vinheta nós vemos justamente quão ocupado era o pregador, mestre, e curador Jesus. A Galileia (a região coberta) é pequena, tendo aproximadamente 112 por 64 quilômetros. O historiador do primeiro século Josefo nos diz que havia na Galileia 204 cidades e vilas, cada uma com mais de 15.000 pessoas. Ainda que Josefo tenha se excedido nas estimativas, a estimativa mais conservadora aponta uma população grande, mesmo que menor que os 3 milhões de Josefo. Um pregador que parasse em duas cidades e vilarejos por dia iria precisar mais de três meses para visitar todas elas, sem folga para o sábado! O esgotamento físico deve ter sido enorme à medida que multiplicava a fama de Jesus. Ademais, temos de reconhecer que Jesus era um pregador e professor itinerante, que necessariamente repetia quase o mesmo material (mensagem) diversas vezes, e se deparava sempre com os mesmos tipos de problemas, doenças e necessidades.

Semana após semana Jesus ensinava na sinagoga, pregava “as boas novas do Reino” (o que o Reino significava e que ele estava próximo), curava muitas pessoas, e expulsava muitos demônios em demonstrações poderosas da chegada do poder transformador do Reino. A palavra pregada e os feitos comprovadores são uma

amostra da natureza do ministério de Jesus. As “boas novas” dizem respeito a Deus e à irrupção de seu reino salvador na pessoa de Seu Filho, o Messias, e o genitivo objetivo “do Reino” esclarece que essas boas novas dizem respeito ao Reino cuja proximidade já foi anunciada (3.2; 4.17) e que é o assunto central do sermão do monte, que cobre os próximos três capítulos de Mateus (5-7).

Aplicação / perguntas para discussão:

- ✓ Jesus fez coisas que lhe criaram problemas e causaram controvérsia: sua escolha de participar e compartilhar à mesa com os não benquistos; sua escolha de fazer coisas no sábado que eram consideradas sacrílegas por outros; e especialmente seu ato de virar as mesas no pátio do templo durante uma festa sagrada – cada uma dessas atitudes, à sua própria maneira, provocou calorosas controvérsias, acusações e altercações, para não mencionar questionamentos, tramas e maquinações da parte do sistema tradicional e majoritário. Devemos, juntos com esses atos, observar a escolha dos doze, certamente um símbolo da restauração das doze tribos de Israel no fim dos tempos. Esses feitos devem ser entendidos na categoria de “atos simbólicos proféticos” e não simplesmente como “atos de compaixão” desempenhados por alguém que, por necessitar e querer alcançar o povo em misericórdia, não poderia compreender o que representava toda aquela confusão. Jesus, em cada um desses atos, sabia o que estava fazendo e o que outros diriam – e ele os fez por causa do que outros fariam e diriam! Esses atos revelam Jesus, pelo menos em relação a sua missão e à autocompreensão de seu relacionamento com Deus, como aquele que tinha uma missão para Israel – e para o mundo.
- ✓ Prestemos atenção à primeira doutrina que o Senhor Jesus proclamou ao mundo. Ele começou afirmando “arrependei-vos”. A necessidade de arrependimento é um dos grandes fundamentos que estão à base do cristianismo. É mister pregarmos que todas as pessoas, sem exceção, se arrependam; todos precisam se arrepender e se converter, se porventura quiserem ser salvos. O verdadeiro arrependimento não é uma questão superficial. Antes, envolve uma completa mudança do coração no que concerne ao pecado, uma transformação que se demonstra mediante uma santa contrição e humilhação, com uma sincera confissão dos pecados, diante do trono da graça, e uma quebra total de hábitos pecaminosos, bem como um ódio permanente a todo pecado. Tal arrependimento é o acompanhante inseparável da fé salvadora em Cristo, e nenhum ensino cristão pode ser

considerado sadio se não puser sempre em evidência “o arrependimento para com Deus e a fé em nosso Senhor Jesus Cristo” (At 20.21).

- ✓ No Novo Testamento, as doenças podem ser resultado direto de algum pecado específico (Jo 5.14; I Co 11.30) ou não (Jo 9.2,3). Contudo, a Escritura e a tradição judaica consideram a doença resultado, direto ou indireto, de viver em um mundo caído (cf. Mt 8.17). A era messiânica terminaria com esse sofrimento (Is 11.1-5; 35.5,6). Por essa razão, os milagres de Jesus lidando com todo tipo de doença não apenas anuncia o Reino, mas também mostra que Deus se empenha em lidar com o pecado em um nível básico (cf. Mt 1.21; 8.17).
- ✓ Esses milagres têm, igualmente, a finalidade de servir de emblemas da habilidade de nosso Senhor como médico espiritual. Aquele diante de quem nenhuma enfermidade física mostrou ser incurável é poderoso para curar cada um dos males que afligem as nossas almas. Não há coração partido que ele não saiba sarar, nem ferida de consciência que ele não possa fazer cicatrizar. Todos nós somos indivíduos caídos, esmagados, despedaçados e atingidos por alguma praga, por causa do pecado. Mas Jesus pode nos curar inteiramente – tão somente devemos ir até ele, o Salvador extremamente compassivo que nunca rejeitou a ninguém, por mais enfermo, impuro ou repugnante que estivesse. Lembremos sempre: ele pode curar “toda sorte de doenças e enfermidades”.

ⁱ Esta lição é baseada nos livros: **Meditações no evangelho de Mateus**, de J. C. Ryle (Editora Fiel); **O comentário de Mateus**, de D. A. Carson (Shedd Publicações); **Deus conosco**, de D. A. Carson (Editora PES); e **Jesus segundo as Escrituras**, de Darrell L. Bock (Shedd Publicações).